



2.

BARREIRAS ATITUDINAIS E A RECEPÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Fabiana Tavares⁴

Muitas vezes, ao lidarmos com pessoas com deficiência, não percebemos que as nossas atitudes carregam sentimentos discriminatórios. Isso acontece quando excluímos ou fazemos restrições a uma pessoa por acreditarmos que ela é deficiente, incapaz ou inválida. Esses sentimentos estão na origem das barreiras atitudinais, as quais frequentemente tornam-se o centro de força para que haja outros tipos de obstáculos que impedem a acessibilidade.

Em suas reflexões sobre o tema, socializadas a partir de 2000, o professor Francisco Lima, coordenador do Centro de Estudos Inclusivos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), começou a demonstrar e a explicar como esses obstáculos, fortalecidos ao longo da história, nem sempre são in-

4. Mestre em Educação, pela UFPE. Letróloga com especialização em Literatura Infante-Juvenil. Professora dos cursos de Licenciatura e Pós-graduação *lato sensu* em Pedagogia e Letras nas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAINTVISA) e na Faculdade Joaquim Nabuco. Gestora da Escola Estadual Cardeal Roncalli. Contato: fabianatavares_letras@yahoo.com.br.

tencionais e têm denegado à pessoa com deficiência a efetivação do direito equitativo à educação, ao lazer, à cultura etc.

Mais adiante, por meio de um estudo efetivado no contexto educacional, Tavares e Lima (2007) identificaram a prática de uma série dessas barreiras que, se não estivermos atentos a elas, poderão comprometer tanto a recepção da obra pelo público formado por pessoas com deficiência quanto a nossa recepção desse público.

Geralmente as barreiras atitudinais não aparecem isoladas como listadas abaixo. Muitas vezes uma se apoia em outra, camufladas em atitudes que pretendiam ser inclusivas. Os autores Lima e Tavares (2007-2012) conceituam algumas das barreiras atitudinais que devem ser evitadas:

1. Barreira Atitudinal de Substantivação da Deficiência

É a referência à pessoa com deficiência como se o seu todo fosse a deficiência, como por exemplo: “o cego”, “o *down*” etc. Adequado seria dizer: “a pessoa cega” ou “a pessoa com deficiência visual”, “a pessoa com síndrome de *down*” etc., considerando sempre e primeiramente a condição de ser pessoa e a deficiência como uma característica humana.



2. Barreira Atitudinal de Adjetivação ou Rotulação

É o uso de rótulos ou de atributos depreciativos em função da deficiência. Por exemplo, adotar adjetivos para designar as pessoas com deficiência como “lentas”, “incapazes” etc.

3. Barreira atitudinal de Efeito de Propagação (ou Expansão)

É a crença de que uma pessoa com deficiência tenha também suas habilidades cognitivas afetadas. Por exemplo, supor que uma pessoa surda tenha também deficiência intelectual e que por essa razão não compreenderá um espetáculo ou outros eventos culturais.

4. Barreira Atitudinal de Estereótipos

É a representação social “positiva” ou “negativa”, sobre pessoas com a mesma deficiência. Por exemplo, imaginar que todas as pessoas cegas têm o sentido da audição altamente aguçado.



5. Barreira Atitudinal de Generalização

É a homogeneização de pessoas baseada numa experiência interacional com um dado indivíduo ou grupo. Por exemplo, acreditar que pelo fato de uma determinada pessoa com deficiência preferir determinado tipo de espetáculo ou serviço todas as outras pessoas com a mesma deficiência irão desejá-los igualmente.

6. Barreira Atitudinal de Padronização

É a crença de que os indivíduos com a mesma deficiência agem da mesma forma e desejam as mesmas coisas. É a efetivação de serviços, baseada na experiência generalizada com indivíduo ou grupos de pessoas com deficiência.

7. Barreira Atitudinal de Particularização

É a segregação das pessoas em função de uma dada deficiên-

cia e do entendimento de que elas atuam de modo específico ou particular, diferente de todos os espectadores que não têm deficiência.



8. Barreira Atitudinal de Rejeição

É a recusa irracional a receber um público de pessoas com deficiência, bem como a recusa a interagir com esses espectadores. Não oferecer acessibilidade já é uma forma de exclusão.

9. Barreira Atitudinal de Negação

É quando se nega a existência ou o limite decorrente de uma deficiência. Em outros termos, é desconsiderar as dificuldades para a compreensão da obra ou para a participação em um evento quando não se tem a devida acessibilidade.

10. Barreira Atitudinal de Ignorância

É o desconhecimento que se tem de uma dada deficiência, das habilidades e potenciais daquele que a tem.

11. Barreira Atitudinal de Medo

É o receio de receber o público com deficiência. Temer a reação dos frequentadores do evento, temer fazer ou dizer algo errado, ou acreditar que o conteúdo do espetáculo possa ferir a pessoa com deficiência.

12. Barreira Atitudinal de Baixa Expectativa ou de Subestimação

É o juízo antecipado e sem fundamento de que a pessoa com deficiência é incapaz de fazer algo, de entender um espetáculo ou até mesmo de nele atuar.



13. Barreira Atitudinal de Inferiorização da Deficiência

A barreira atitudinal de inferiorização é uma atitude constituída por meio da comparação pejorativa que se faz do resultado das ações das pessoas com deficiência em relação a outros indivíduos sem deficiência, atribuindo à deficiência resultados negativos que não são devidos a ela, sob a justificativa de que o que não foi alcançado pelas pessoas com deficiência é inferior, exclusivamente, em razão da deficiência. Por exemplo, supor que num grupo de colaboradores com e sem deficiência as ações executadas pelos primeiros não foram satisfatórias, em função da deficiência, quando, na verdade, podem não o ter sido em razão da falta de adequada informação sobre as ações que tais colaboradores deveriam efetivar.

14. Barreira Atitudinal de Menos Valia

É a crença na incapacidade das pessoas com deficiência e, em consequência, a tendência a avaliar depreciativamente potencialidades e ações por elas desenvolvidas. Trata-se de atribuir menor valor, por exemplo, à arte produzida por pessoas com deficiência.

15. Barreira Atitudinal de Adoração do Herói

É a supervalorização/exaltação, o elogio desmedido à pessoa com deficiência, como se a capacidade dessa pessoa em frequentar espaços culturais fosse algo inusitado ou “excepcional”.

16. Barreira Atitudinal de Exaltação do Modelo

É o uso da imagem da pessoa com deficiência como modelo

de persistência e de coragem, comparando-a com o público em geral.

17. Barreira Atitudinal de Compensação

É, sob o manto da piedade e do paternalismo, achar que o público com deficiência deve ser recompensado por ter ido ao espetáculo ou ao evento, que é merecedor de algo além da obra que foi apresentada com acessibilidade.




18. Barreira Atitudinal de Dó ou Pena

É a expressão ou a atitude piedosa manifesta em relação às pessoas com deficiência, restringindo-as ou mesmo constringendo-as. No campo da cultura, pode ser percebida quando há uma exagerada “ajuda” ao público com deficiência, forjando uma pseudoparticipação em eventos ou espetáculos interativos.

19. Barreira Atitudinal de Superproteção

É a proteção desproporcional estada na piedade e na percepção, muitas vezes equivocada, da incapacidade do sujeito de fazer algo ou de tomar decisões em função da deficiência. Esta barreira atitudinal leva a sociedade a impedir que a pessoa com deficiência faça suas escolhas quanto aos eventos culturais, aos horários de tais eventos, ao local de assento num espetáculo etc.

Conforme estudos citados anteriormente (LIMA e TAVARES, 2007-2012), essas são algumas das barreiras atitudinais que podemos, desprevenidamente, apresentar. Percebê-las pode nos ajudar a: i) refletir sobre como estamos nos preparando



para receber o público de pessoas com deficiência; ii) evitar constrangimentos; e iii) entender que não basta o produto estar acessível, mas se faz necessário o processo constante de conscientização de que a garantia de acesso à cultura não é favor, é cumprimento da lei. (Decreto-Lei 5296/2004; Decreto legislativo nº 186/2008).

Em outras palavras, para eliminar barreiras atitudinais nos espaços de produção e de difusão de cultura, é preciso que:

a) na produção de eventos, como espetáculos, festivais, exposições e outros, seja assegurada a acessibilidade total para todas as pessoas;

b) no planejamento e na execução do trabalho, todos os envolvidos busquem identificar todo e qualquer tipo de barreira, a fim de eliminá-las imediatamente, evitando que elas se fortaleçam;

c) no ambiente de trabalho, todos compartilhem o maior conhecimento possível sobre os direitos humanos ao acesso à cultura e ao lazer. A informação e a reflexão ajudam-nos a combater as barreiras atitudinais;

d) estejamos cientes de que a eliminação das barreiras atitudinais não passa apenas pela atenção às necessidades do público com deficiência, mas pelo fortalecimento da compreensão de que, no exercício de sua função, cada promotor da cultura, cada artista, cada profissional, por meio de cada espetáculo, de cada texto, de cada ação, pode ser um grande colaborador para que aquelas barreiras sejam er-


radicadas. Assim, acessibilidade atitudinal nos espaços de difusão da cultura deve estar associada a outros desafios que configuram esse contexto: desde a formação dos profissionais para atender/receber o público à estrutura física dos ambientes;

e) em cada evento cultural, reflita-se como acolher e como promover a transformação que a inclusão cultural exige de todos e de cada um, o que implica um envolvimento contínuo de todos os agentes, na escuta atenta das avaliações que os espectadores fazem acerca dos serviços prestados, inclusive os de acessibilidade comunicacional, para que se alcance a qualidade desejada;

f) divulguemos o compromisso que estamos assumindo ao buscar garantir a todas as pessoas as acessibilidades, a participação plena, o empoderamento. Dessa forma, por meio da mídia, também estaremos mobilizando outras pessoas, em outros espaços a refletirem sobre as atitudes necessárias para que a inclusão aconteça;

g) forneçamos informações positivas em relação à pessoa com deficiência por intermédio das comunicações/discursos construídos e veiculados interna e/ou externamente, no ambiente em que atuamos, pois o discurso sem barreiras atitudinais, respeitoso à diversidade humana é um forte aliado no combate a tais barreiras;

Todas essas reflexões sobre as barreiras atitudinais e sobre como eliminá-las podem nos ajudar a promover em museus, teatros e nos demais ambientes destinados à mediação da



cultura, a maior de todas as artes, a arte da inclusão cultural. Este é um convite para a ação.

Referências

ALLAN, Julie. *Actively Seeking Inclusion: pupils with Special Needs in Mainstream Schools*. UK Falmer Press, 1 Gunpowder Square, London, 1999.

GUEDES, L. C. *Barreiras Atitudinais nas Instituições de Ensino Superior: questão de educação e empregabilidade*. Recife. 2007. 270f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

LIMA, Francisco. *Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado*. Revista Brasileira de tradução visual, 2011.

LIMA, Francisco José de. *Questão de Postura ou de Taxonomia? Uma proposta*. Benjamin Constant (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 15, p. 3-7, 2000. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/catid=4&itemid=57>> Acesso em 23/12/2005.

LIMA, Francisco José de; TAVARES, Fabiana S. S. *Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola*. In SOUZA, Olga Solange Herval (org.). *Itinerários da Inclusão Escolar: múltiplos olhares, saberes e práticas*. Porto Alegre: AGE, 2007.

LIMA, Francisco José de; GUEDES, Lívia C.; GUEDES, Marcelo C. *Áudio-descrição: Orientação para uma prática sem barreiras atitudinais*. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV). Vol. 2. 2009. Disponível em < <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/issue/view/3/showToc> > Acesso em: 23 fev. 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Terminologia sobre a deficiência na era da inclusão* In: VIVARTA, Veet (coord.). *Mídia e deficiência*. Brasília: Andi/Fundação Banco do Brasil, 2003c, p. 160-165. Disponível em

< <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/portal.php/terminologia> > Acesso em: 20 out. 2011.

_____. *Eufemismo na contramão da inclusão. Reação (Revista Nacional de Reabilitação)*, ano XIV, n. 74, maio/jun.2010, p.14-17. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1865>> Acesso em: 20 jan. 2012.

_____. *Questões semânticas sobre as deficiências visual e intelectual na perspectiva inclusiva. Revista Reação*, São Paulo, ano XI, n. 62, maio/jun. 2008, p.10-16 (atualizado em 2010).

TAVARES, Fabiana S.S. *A pessoa com deficiência e as barreiras atitudinais na literatura infanto-juvenil*. 2007. 104f. Monografia. Pós-graduação em Literatura Infanto-Juvenil. Faculdade Frassitetti (FA-FIRE). Recife 2007.

_____. *No tempo do verbo incluir: Literatura Infanto-Juvenil*. In: ESTEVÃO, Maria de Fátima; MENDONÇA, Neuza. (Org.). *Elos Culturais e Educacionais*. Recife: Editora Baraúna, 2009, v. 04, p. 121-145.

_____. *Educação especial: a trajetória das barreiras atitudinais nas dissertações de educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPE)*. 2012. 596f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

_____. *As barreiras atitudinais na relação professor e aluno com deficiência: reflexões à luz das teorias sociológicas bourdieusiana e foucaultiana*. In TAVARES, Fabiana; SILVA, J.S. (orgs). *Pedagogia: reflexões históricas e contemporâneas*. Recife: Libertas, 2013.

TAVARES, Fabiana S.S.; MEDEIROS, Leila Maria Vieira . *Rompendo as barreiras atitudinais na escola: as contribuições de Vygotsky e Wallon*. In: Menezes, Lúcia; VIEGAS, Moyselita; MENEZES, Zélia.. (Org.). *Educação Território Multicultural*. 01 ed. Recife: Libertas, 2010, v. 01